

## UMA REFLEXÃO SOBRE O CÉU

O céu não é apenas uma realidade que está lá em cima, é um estágio de vida que começa aqui em baixo, na terra. O céu não é apenas um estado de vida que começa depois da morte, mas um estado de vida que começa aqui, na terra, embora não seja experimentado de modo definitivo e perfeito.

Na maioria das vezes, imaginamos o céu como um estado de vida onde tudo é perfeito: um mar de rosas, um lugar onde a natureza é linda, com plantas, flores, água correndo e frutos em abundância, um lugar de delícias, com manjares apetitosos e fontes que jorram leite e mel. Um lugar onde não há dor, nem dificuldades, onde não há nenhum sofrimento, não existe o ódio, a inveja e o rancor. Não existe lá a infidelidade ou a corrupção; as pessoas são perfeitas, não há lugar para a doença, mas reina a paz e a tranquilidade.

Na verdade, o céu é um lugar de paz e tranquilidade, porém não se trata apenas disso. Humanamente falando, podemos imaginar o céu como algo perfeito, sem sofrimento nem dor, mas também, nesta vida, podemos experimentá-lo mesmo no meio do sofrimento e da dor.

A nossa autossuficiência faz-nos imaginar um céu sem Deus, mas o céu é «*comunhão de vida e de amor com a Santíssima Trindade, com a Virgem Maria, com os anjos e todos os bem-aventurados*» (CIC 1024).

*«A razão mais sublime da dignidade humana consiste na sua vocação à comunhão com Deus. Desde o começo da*

*sua existência, o homem é convidado a dialogar com Deus: pois se existe, é só porque, criado por Deus por amor, é por Ele, e por amor, constantemente conservado: nem pode viver plenamente segundo a verdade, se não reconhecer livremente esse amor e não se entregar ao seu Criador» (Gaudim et Spes 19).*

A comunhão com Deus produz a comunhão do homem com si mesmo, com o próximo e com todas as criaturas. O homem supera a divisão, vive em paz com si próprio e com o seu próximo, não conhece o ódio, o rancor e a vingança. A comunhão com Deus harmoniza os relacionamentos humanos; o homem vive em comunhão com todas as criaturas. Não se volta contra o ser humano, vingando-se dele.

Este estágio de vida que chamamos de céu, e imaginamos como um lugar de perfeição, existe. Na verdade, o imaginamos porque um dia existiu, pode ainda existir e continuará a existir. No fundo, cada ser humano guarda na sua mente a recordação do paraíso perdido: *«o Senhor Deus, pois, o lançou fora do jardim do Éden, para lavrar a terra de que fora tomado» (Gn 3,23).*

A Sagrada Escritura que nos revela o paraíso perdido, também nos dá a certeza que o poderemos reencontrar por meio do sacrifício de Jesus na cruz. *«E disse-lhe Jesus: em verdade te digo que hoje estarás comigo no paraíso» (Lc 23,43).* Jesus prometeu-lhe a sua própria plenitude por toda a eternidade. Como peregrinos neste mundo, mesmo no meio dos sofrimentos desta vida, podemos saborear uma ou outra vez esta alegria, antecipando, de qualquer forma, a eternidade.

Inicialmente, a humanidade é criada à «imagem e semelhança de Deus» e colocada no paraíso, não conhecia a divisão, vivia em perfeita comunhão com Deus.

*«o Senhor Deus tomou o homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e guardar. E o Senhor Deus deu ao homem este mandamento: podes comer de todas as árvores do jardim. Mas da árvore do conhecimento do bem e do mal não comerás, porque no dia em que dela comeres terás que morrer» (Gn 2,15-17).*

A humanidade não conhecia o bem e o mal. Vivia depositando toda a sua confiança no Criador, deixava-se conduzir por ele numa entrega total em suas mãos. Aderia plenamente a Deus, era-lhe submissa. Reconhecia a sua dependência do Pai. Naquele estágio de vida vive na plena comunhão com Deus e com os outros, podemos dizer que vivia a experiência da verdadeira liberdade dos filhos de Deus. O ser humano, na sua origem, só sabia uma coisa: Deus. As outras pessoas, as coisas, a si mesmo ele só as conhecia na unidade com Deus. Conhecia tudo e só em Deus e Deus em tudo. A partir desse modo de viver, o ser humano não questionava o seu Criador, mas desabrochava como a flor, sem querer saber o porquê de tudo.

Mas como será o céu depois desta vida aqui na terra? O céu na eternidade não será nada mais do que a continuação do estado de comunhão que experimentamos aqui na terra. Mas não se tratará de uma comunhão estática; será uma vida que continua tendo uma dinâmica própria, uma vida transfigurada, uma vida em plenitude, uma vida de felicidade e amor.

É por isso que Jesus nos dá uma ideia da vida no céu que

começa aqui na terra: *«nunca mais beberei do fruto da videira, até o dia em que beberei o vinho novo do reino de Deus»* (Mc 14,25). Usa também a imagem de uma festa de casamento: *«um certo homem fez uma grande ceia, e convidou a muitos. E à hora da ceia mandou o seu servo dizer aos convidados: vinde, que tudo já está preparado»* (Lc 14,16-17)

A diferença é que, aqui na terra temos apenas uma antecipação, só depois, poderemos experimentar a comunhão perfeita, de forma definitiva, para sempre: *«e irão estes para o tormento eterno, mas os justos para a vida eterna»* (Mt 25,46).

Deus chama-nos à comunhão plena com Ele. No céu poderemos contemplar Deus face a face: *«porque agora vemos por espelho em enigma, mas então veremos face a face; agora conheço em parte, mas então conhecerei como também sou conhecido»* (1Cor 13,12).

Este era o maior sonho de São Francisco de Assis. A morte para ele era bem-vinda porque era a única possibilidade que tinha para contemplar face a face, eternamente, o Deus que em vida podia às vezes experimentar: *«depois disso, o santo levantou as mãos para o céu e louvou a Cristo porque, livre de tudo, já estava indo ao seu encontro»*

O Céu é a plenitude da nossa existência. Céu é isso: união íntima, infinita, eterna com aquele que nosso coração já buscava, muitas vezes sem o saber. No Céu o ser humano encontra seu repouso definitivo.

No céu, Deus nos espera com uma ternura infinita:

*«então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: eis o*

*tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram. E aquele que está assentado no trono disse: eis que faço novas todas as coisas. E acrescentou: escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras» (Ap 21,3-5).*

Contudo, não se trata de um encontro onde reina apenas uma paz eterna, mas uma vida grandiosa e empolgante, uma tempestade de felicidade que nos arrebatava.

**1024.** Esta vida perfeita com a Santíssima Trindade, esta comunhão de vida e de amor com Ela, com a Virgem Maria, com os anjos e todos os bem-aventurados, chama-se «céu». O céu é o fim último e a realização das aspirações mais profundas do homem, o estado de felicidade suprema e definitiva.

**1025.** Viver no céu é «estar com Cristo» (Jo 14,3; Fl 1,23; 1Ts 4,17). Os eleitos vivem «n'Ele»; mas n'Ele conservam, ou melhor, encontram a sua verdadeira identidade, o seu nome próprio (Ap 2,17): «Porque a vida consiste em estar com Cristo, onde está Cristo, aí está a vida, aí está o Reino» (Santo Ambrósio).

Cf. Catecismo da Igreja Católica, 1023-1032

Cf. Eurides Divino Vaz, *Uma reflexão sobre Céu, Inferno e Purgatório*, Ed. Vozes, pp. 19-21